

## HIDRONÍMIA PIRESINA INTERPRETADA VIA ECOLINGUÍSTICA PIRESINA HYDRONY INTERPRETED VIA ECOLINGUISTIC

Cleber Cezar da Silva<sup>1</sup>

Instituto Federal Goiano

Kênia Mara de Freias Siqueira<sup>2</sup>

Universidade Estadual de Goiás

**Resumo:** Esta pesquisa tem por objetivo interpretar quinze hidrônimos piresinos e suas motivações toponomásticas via ecolinguística, identificando as relações entre os hidrônimos e os respectivos fatores contextuais, língua, cultura e meio ambiente. A metodologia que segue esta pesquisa centra-se na onomasiologia, podendo ser investigada toda cultura popular de um local, priorizando-se os aspectos sincrônicos ou históricos. Em relação à toponomástica e ecolinguística, os aspectos históricos são reveladores do que subjaz à nomeação dos lugares e suas relações entre a população e o território via língua. Desta forma, é possível identificar os fatores que constituem a motivação toponomástica que subjazem à escolha do nome do lugar o que requer a identificação de fatos sociais, culturais, históricos e outras motivações de diferentes naturezas e suas relações com a língua, cultura e meio ambiente.

**Palavras-chave:** Hidrônimo; Língua; Meio ambiente; População; Cultura.

**Abstract:** This research aims to interpret fifteen piresine hydronyms and their toponomatic motivations via ecolinguistics, identifying the relationships between the hydronyms and the respective contextual factors, language, culture and environment. The methodology that follows this research focuses on onomasiology, being able to investigate all popular culture of a place, giving priority to synchronous or historical aspects. In relation to toponomatics and ecolinguistics, the historical aspects are revealing of what underlies the naming of places and their relations between the population and the territory via language. In this way, it is possible to identify the factors that constitute the toponomatic motivation that underlies the choice of the name of the place, which requires the identification of social, cultural, historical facts and other motivations of different natures and their relations with language, culture and environment.

**Key-words:** Hydronym; Language; Environment; Population; Culture.

**Submetido em 20 de abril de 2021.**

**Aprovado em 3 de agosto de 2022.**

---

<sup>1</sup> Professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Federal Goiano (IF Goiano), Campus Urutaí. Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Ensino para a Educação Básica (PPG-ENEB), nível Mestrado Profissional. Doutor em Linguística, pela Universidade de Brasília. E-mail: [cleber.silva@ifgoiano.edu.br](mailto:cleber.silva@ifgoiano.edu.br)

<sup>2</sup> Professora do Programa de Pós-graduação em Língua, Literatura e Interculturalidade, Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Cora Coralina. Doutora em Letras e Linguística, pela Universidade Federal de Goiás. E-mail: [kenia.siqueira@ueg.br](mailto:kenia.siqueira@ueg.br)

## **Introdução**

A Ecolinguística é uma disciplina a qual tem por objetivo estudar as inter-relações entre língua e meio ambiente. Surge a partir da ecologia, que é o ramo da biologia a qual estuda as interações entre organismo-organismo e organismo-meio ambiente. A Toponomástica tem como objetivo estudar os nomes de lugares. Assim, ao entrecruzar essas duas áreas, passamos a denominar por ecotoponomástica, a qual nos dá condições de fazer observações acerca do nomeador no processo de lexicalização, pois só irá atribuir características que de alguma forma tenha relação com seu contexto atual. Nesse sentido revela as relações entre língua-população-território.

Ao dar nome a seres e objetos, o homem também os categoriza, é o ato de nomear que dá existência a algo ou alguém. É por meio do nome que há identificação e principalmente, a diferenciação dos seres e dos objetos. Nesse ato, diversos aspectos extralinguísticos podem influenciar o nomeador, isso pode caracterizar especificamente a motivação que subjaz a qualquer signo linguístico em função toponomástica. A motivação, por sua vez, é reveladora de inúmeros aspectos que estão na base da inter-relação língua, cultura e ambiente, pois o nome próprio de lugar, como fato da língua, identifica e guarda uma significação precisa oriunda de aspectos físicos ou culturais (SILVA, 2017).

As causas evidentes que motivaram a nomeação dos hidrônimos são autênticos testemunhos históricos de fatos e ocorrências registrados nos mais diversos momentos da história de Goiás, por isso, encerram em si a importância que transcende ao próprio ato de nomeação dos cursos d'água. É a partir do hidrônimo que uma dada realidade social pode ser desvelada, conhecida, desvencilhada através dos tempos. Pois, o hidrônimo sendo descritivo e nominativo, se refere à realidade geomorfológica do rio nomeado e estabelece a pura relação que existe entre o homem e o território, com a necessidade de por meio do nome se apoderar da coisa nomeada, mediante a língua.

O presente estudo tem por objetivo interpretar quinze hidrônimos piresinos e suas motivações toponomásticas via ecolinguística, identificando as relações entre os hidrônimos e os respectivos fatores contextuais, língua, cultura e meio ambiente. A metodologia que segue esta pesquisa centra-se nas bases onomasiológicas, segundo Silva (2010) é um método que se constitui do estudo das designações e tem como objetivo estudar os diversos nomes atribuídos a um conceito. Na onomasiologia, pode ser

investigada toda cultura popular de um local, priorizando-se os aspectos sincrônicos ou históricos.

Desta forma, é possível identificar os fatores que constituem a motivação toponomástica que subjazem à escolha do nome do lugar o que requer a identificação de fatos sociais, culturais, históricos e outras motivações de diferentes naturezas e suas relações com a língua, cultura e ambiente. Assim, o hidrônimo carrega fatos históricos e culturais de uma determinada comunidade.

### **1. O percurso metodológico da pesquisa**

A onomasiologia é o resultado das tendências mais significativas da evolução linguística na transição do século XIX para o século XX em que a centralidade das investigações passa do som (fonética) para a palavra (lexicologia). O seu triunfo se deu a partir do desenvolvimento da Geografia Linguística, pois com o aparecimento de inúmeros termos regionais recolhidos pelos inquiridos linguísticos, surgiu a necessidade de um novo método, que auxiliasse os dialetólogos a compreenderem o homem regional em sua amplitude por meio da linguagem.

Segundo Silva (2010), a onomasiologia é um método que se constitui do estudo das designações e tem como objetivo estudar os diversos nomes atribuídos a um conceito. Pode ser investigada toda a cultura popular de um local, podendo-se priorizar os aspectos sincrônicos ou históricos. Em relação à toponomástica, os aspectos históricos são bastante reveladores do que subjaz à nomeação dos lugares. Desta forma, “o método onomasiológico permite ver a cultura do povo cuja língua se estuda, costumes, ocupações, instrumental, crenças e credices, moradia, enfim sua mundividência. Permite sentir a linguagem viva traduzindo a vivência cultural do povo” (BASSETO, 2001, p. 77).

A metodologia de pesquisa deste estudo é de natureza documental, numa abordagem qualitativa para o levantamento dos dados, uma vez que a constituição (sub-região, limites e fronteiras) dos “lugares” está registrada em documentos públicos e no levantamento histórico-geográfico. Os procedimentos consistem na sistematização de leituras documentais e mapas nas bases do IBGE e Instituto Mauro Borges; levantamento, interpretação e descrição dos hidrônimos, nas bases teóricas da Onomástica, o que os vincula à indução e seguem os métodos ecolinguísticos, que buscam suporte metodológico em outras áreas do conhecimento, já que possui uma visão ecológica de mundo.

O contexto desta pesquisa, o município de Pires do Rio localiza-se na Microrregião do Sudeste Goiano, inserida na Mesorregião Sul Goiano. A Microrregião é reconhecida como a região da Estrada de Ferro. A área da unidade territorial (km<sup>2</sup>) é de 1.073,361, com uma altitude média de 758,86. Assim, procedemos com a interpretação de quinze hidrônimos (cursos d'água) piresinos e suas motivações toponomásticas identificando as relações entre esses designativos de lugares e os respectivos fatores contextuais, língua, cultura e ambiente.

## **2. A ecolinguística e as contribuições para nomeação hidronímica**

Compreendida como centro da interação, a língua (L), objeto de estudo de pesquisas na área de estudos linguísticos, necessita de um território/meio ambiente (T) e um povo/população (P) para que possa existir, uma vez que, sem os dois elementos, ela não existe. Contudo, P é o elemento criador e mantenedor de L, pois os elementos da língua acompanham e servem a seus usuários.

Seguindo Haugen (2016), para qualquer “língua” dada, podemos sintetizar seu *status* em uma tipologia de classificação ecológica, o que nos fornecerá algo sobre em que lugar a língua se localiza e para onde está indo, em relação a outras línguas do mundo. Nessa base, a língua, em qualquer situação, necessita de um território para se estabelecer e de um povo para usá-la, reinventá-la e proceder com os ajustes e/ou adaptações necessários ao local em que se encontra.

Na visão ecológica de mundo, referir ao que está nele centra-se nas bases teóricas da ecolinguística, pois, para falar de algo, é necessário que a população esteja em um território, conheça-o e reconheça do que se fala, proferindo por meio da língua e “não há como eludir o fato de que a língua faz parte do meio ambiente. Ela foi criada por quem está no meio ambiente. No meio ambiente ela está. Se está nele, está relacionada com ele” (COUTO, 2007, p. 134-135).

Em todo caso, a interação não é apenas entre os membros de P com T, eles interagem intensamente entre si e é dessa interação que emerge L. Assim, P forma L, visto que L é a própria interação e satisfaz, dessa forma, a necessidade imediata de comunicação entre os indivíduos. O homem se apodera da língua, pois

Na verdade, nós precisamos da linguagem para intervir no mundo, para nos orientar nele. Nesse sentido, em vez de nos dominar, nós é que a dominamos, uma vez que a usamos para nossas finalidades. Nós a usamos para descrever realidades concretas ou imaginárias, como faz a criança e o cientista, mas também para sugerir novas

realidades, outros mundos, inclusive mundos absurdos, impossíveis. Usamo-la inclusive para brincar (COUTO, 2007, p. 152).

Como já definira Haugen (1972, p. 325), a ecolinguística é o “estudo das interações entre língua e seu meio ambiente”, assim, revela-nos a relação existente entre língua e meio ambiente. Ainda, refere-se ao MA como cenário social-cultural onde a língua é usada. O verdadeiro meio ambiente de uma língua é a sociedade que a usa como um de seus códigos. “A língua existe somente na mente de seus usuários, e só funciona relacionando esses usuários uns aos outros e à natureza, isto é, o meio ambiente social e o natural” (HAUGEN, 1972, p. 325).

A população (P) por meio da língua (L) exerce o processo de nomeação do território, essa é uma atividade significativa para o ser humano e se constitui de uma ação complementar do modo como determinada população entende o meio em que vive. Consequentemente,

Todo processo começa pela percepção, que compreende um primeiro momento de contato direto com o fenômeno do MA, que poderíamos chamar de momento da sensação (1). Esse momento é individual e apenas **sensorial**. Ainda no próprio indivíduo, o contato sensorial com o objeto pode se repetir, com o que o indivíduo pode passar a reconhecê-lo. Trata-se do momento da **identificação** (2). O resultado do processo de **percepção** individual é a formação do **percepto**. Quando a experiência com o dado do MA se intensifica, inicia-se o processo indicado pela seta descendente. Ele começa pelo **compartilhamento** da experiência com outros membros de P. que é o momento 3. Se a interação entre membros da Comunidade se intensificar, acaba surgindo um nome para o dado da experiência, momento 4, que é o da **lexicalização**. Compartilhamento e lexicalização constituem o processo de **conceptualização**, cujo resultado é o **conceito** (COUTO, 2007, p. 128, grifos do autor).

E no processo da conceptualização surgirá um novo léxico na língua, a que o indivíduo passará a usar para se referir ao ser ou objetivo nomeado. Não é equivocado afirmar que o nome corporifica aquilo que determinada comunidade assimilou de seu meio circundante, mediante relações estabelecidas entre a língua, que possibilita a representação daquilo que foi evidenciado, e as impressões sociopsíquicas oriundas dos objetos do mundo que se tornaram salientes aos olhos do nomeador.

A nomeação é uma função da linguagem e tem um papel importante, pois os significados dos nomes apresentam e organizam a forma de ver a realidade, estando ligado diretamente com a cultura ou comunidade. Realidade esta referida até mesmo ao contexto ou território que o homem esteja inserido. “A classificação das coisas e acidentes do meio ambiente parece apresentar características específicas, diretamente relacionadas com o contexto” (COUTO, 2007, p. 255).

### 3. Interpretação dos hidrônimos piresinos via ecolinguística

Os hidrônimos são signos de caráter pluridisciplinar, podemos por meio deles reconhecer a história da população a qual estão inseridos no ambiente, além de serem demarcadores do próprio território e estabelecendo-se como limites de fronteira para os municípios e estado. Ao proceder com suas classificações topossemânticas é observável as características motivacionais do nomeador ao designar o nome à entidade hidrográfica, bem como as características geomorfológicas do ambiente e a origem da língua do referido hidrônimo.

O hidrônimo é o nome dado aos cursos d'água; a hidronímia é o conjunto de acidentes hidrográficos, como: rios, córregos, corixos, lagoas, lagos, baías, saltos e cachoeiras; e, o hidrotopônimo é o conjunto de hidrônimos de mesma base lexical ou campo semântico. Além disso, “o agrupamento dos topônimos, segundo a origem étnica, no caso os hidrotopônimos, permite a reconstrução, por meio do caminho das águas, de verdadeiros mapas etnolinguísticos das regiões pesquisadas” (ISQUERDO; SEABRA, 2010, p. 89).

Ao partir dessas observações, é possível tomar o ato de nomear o curso d'água como uma ação/ato linguístico, já que por meio da língua o homem categoriza o seu território, e mais, os nomes dos lugares tornam referentes, e, como observado em Yule (2003), a referência, não é simplesmente uma relação entre o significado de uma palavra ou frase e um objeto ou pessoa no mundo, é um ato social e colaborativo.

Os estudos toponomásticos, especialmente os relacionados ao universo das águas, revelam a estreita relação existente entre a população (P) e o ambiente, constituído pelo território (T). O caminho das águas é ao mesmo tempo de divisão territorial, meio de sobrevivência e via de transportes marítimos, e os mapas os registram, inclusive com nomes e nos orientam onde estão registradas as suas nascentes. Percorrer esse caminho é ao mesmo tempo reviver a história cultural e social de um povo. Segundo Dick (1990, p. 126), “a água sempre foi o fator de equilíbrio em um determinado meio. Grandes civilizações nasceram e desenvolveram junto a oceanos, rios e zonas ribeirinhas”.

Na sequência trazemos uma microficha (parte da ficha ecotoponomástica) com o hidrônimo, a classe do hidrônimo e semântica, a qual nos dá sustento para proceder com a interpretação dos nomes dos quinze cursos d'água do município de Pires do Rio -GO,

demonstrando as relações existentes entre língua, cultura e ambiente estabelecidas pelo nomeador.

**Microficha 1.** Córrego Laranjal.

<b>Hidrônimo</b>	<b>Córrego Laranjal</b>
<b>Classe do hidrônimo</b>	Fitotopônimo
<b>Semântica</b>	la-ran-jal <b>Sm</b> plantação ou pomar de laranjas (origem árabe).

Fonte: SILVA (2017).

**Microficha 2.** Ribeirão Taquaral.

<b>Hidrônimo</b>	<b>Ribeirão Taquaral</b>
<b>Classe do hidrônimo</b>	Fitotopônimo
<b>Semântica</b>	ta-qua-ral <b>Sm 1</b> plantação de taquara; tabocal <b>2</b> terreno onde crescem taquaras (origem tupi).

Fonte: SILVA (2017).

A classe fitotoponímica (originada de nomes de vegetais), o *córrego Laranjal* e *ribeirão Taquaral*, nos revela que a flora foi uma das motivações para os designativos dos cursos d'água do município de Pires do Rio-GO. E, de acordo com Dick (1990) a vegetação é uma parte necessária para a qualidade de vida do homem. E, essa relação nomeador-objeto-nome é que ressalta a importância da vegetação no meio social, local do vivente.

Ao observar as informações trazidas nas fichas apresentadas dos fitotopônimos, possivelmente as motivações que influenciaram o nomeador são perspicazes as referências ao território local, de acordo com cada hidrônimo relacionamos: i. *córrego Laranjal*, evidentemente em sua localidade apresentava no momento de nomeação a plantação de laranjas e, também, o córrego favorecia a essas plantações. Sendo esse uma fonte que abastece a cidade a que pertence; ii. *ribeirão Taquaral*, assim, como analisado o hidrônimo anterior, o que tenha influenciado ao nomeador deve estar relacionado com o a quantidade de taquaras (bambus) na região que se encontra o determinado ribeirão, é muito comum nesta região ter áreas de preservação ambiental e, além de dar em locais mais úmidos.

A ocorrência dos topônimos de índole vegetal ora pesquisados pode ter a sua justificativa pela relevância que as plantas têm junto a vida humana, bem como necessárias para a conservação dos cursos d'água e suas nascentes, assim, justificamos a tendência de valoração do vegetal no processo de batismo dos elementos físicos.

**Microficha 3.** Ribeirão Cachoeira.

<b>Hidrônimo</b>	<b>Ribeirão Cachoeira</b>
<b>Classe do hidrônimo</b>	Hidrotopônimo
<b>Semântica</b>	ca-cho-ei-ra <b>Sf</b> 1 queda d'água, em rio ou ribeirão, cujo leito apresenta forte declive; cascata (origem latim).

Fonte: SILVA (2017).

O hidrônimo de equivalência hidronímica (originado de acidentes hidrográficos) aparece no em: *ribeirão Cachoeira*. Sabe-se que a água é de fundamental importância para a vida humana, por isso, a tendência de o nomeador, no ato de batismo do hidrônimo, valer-se do nome relacionado ao elemento água para designar o lugar.

E, de acordo com Dick (1990, p. 196), “O aparecimento de topônimos, nos mais diferentes ambientes, revestindo uma natureza hidronímica propriamente dita, vincula-se à importância dos cursos d'água para as condições humanas de vida”. Possivelmente, o nomeador considera o elemento água vital para a sua existência; ainda, sabemos que os cursos d'água em muitas ocasiões servem de caminhos para o comércio, como também foi por meio deles que se configuraram na história do Brasil o achamento e a colonização do país pelos portugueses.

No efetivar do topônimo a partir da importância da água, o nomeador diferencia o elemento geográfico dos demais, auxiliando na orientação do homem no território que o cerca, proporcionando subsídios para um melhor (re)conhecimento do local. Assim, hipoteticamente, acreditamos que o topônimo – *ribeirão Cachoeira* – no contexto estudado, pode ter a sua motivação pelo próprio ambiente físico, uma vez recupera características hidronímicas do lugar.

#### Microficha 4. Córrego Barreiro.

<b>Hidrônimo</b>	<b>Córrego Barreiro</b>
<b>Classe do hidrônimo</b>	Litotopônimo
<b>Semântica</b>	bar-rei-ro <b>Sm</b> terra alagada; lamaçal (origem pré-romana)

Fonte: SILVA (2017).

#### Microficha 5. Rio Corumbá.

<b>Hidrônimo</b>	<b>Rio Corumbá</b>
<b>Classe do hidrônimo</b>	Litotopônimo
<b>Semântica</b>	<b>Curú-mbá</b> , o banco de cascalho. Mato Grosso (origem tupi).

Fonte: SILVA (2017).

Notando-se as relações dos hidrônimo de origem mineral, os litotopônimos, *córrego Barreiro* e o *rio Corumbá*, cabe mencionar que os minerais foram um dos principais atrativos dos colonizadores portugueses nas terras brasileiras. E, de acordo com Dick (1990), os topônimos de origem mineral estão relacionados tanto a características

do solo quanto do terreno, e assim estabelecem duas relações: físicas, que estão ligadas às regiões da terra, neste caso, são: areia, barro, lama, pedra, terra. E outro fator são os históricos, que podem ser evidenciados no processo de colonização do Brasil, por meio das relações entre solo, flora e relevo, responsáveis pela formação de uma nova sociedade.

Observando Sapir (1969), podemos trazer a reflexão acerca da relação entre língua e ambiente, que vale a compreensão dos fatores físicos, neste caso os aspectos geográficos, incluindo além dos elementos fauna e flora, os recursos minerais. Assim, o litotopônimo *córrego Barreiro*, estabelece relações com o local quando foi nomeado, ainda, compreende-se que a localidade era de lamaçal/barro, um dos motivadores por determinado córrego ser batizado com o referido topônimo. De acordo com Dias (2008) o rio *Corumbá* é o maior curso d'água do município, dele se extrai areia para a construção civil e suas ilhas e margens servem para abrigar pequenas propriedades, inclusive, para a recreação e turismo. Conseqüentemente, essa foi à motivação para o referido hidrônimo.

Assim, como observado em Dick (1990, p. 125), os referidos hidrônimos de origem mineral se referem ao primeiro caso, que é o de “índole genérica”, aspectos físicos e específicos às regiões da terra, revelando assim características minerais da região em que está localizado determinado curso d'água.

**Microficha 6.** Córrego da Terra Vermelha.

<b>Hidrônimo</b>	<b>Córrego da Terra Vermelha</b>
<b>Classe do hidrônimo</b>	Litotopônimo e Cromotopônimo
<b>Semântica</b>	<b>Terra</b> <i>sf.</i> ‘território, região’ ‘solo, chão’ XIII. <b>Vermelho</b> <i>adj.</i> ‘da cor do sangue’ XIII (origem latim).

Fonte: SILVA (2017).

No conjunto dos hidrônimos analisados, encontramos um de estrutura composta, mas não híbrido, pois é formado por duas palavras de origem latina, a saber *córrego da Terra Vermelha*, litotopônimo (origem de nomes de minerais e de nomes relativos à constituição do solo) e cromotopônimo (relativo à escala cromática). E, que de acordo com Isquierdo e Seabra (2010, p. 91) “[...] a motivação dos hidrotopônimos de estrutura composta normalmente valoriza mais de uma característica do meio ambiente como foco denominativo.”

Segundo Dias (2008, p. 119-122) na maior parte da região do município de Pires do Rio-GO, o solo é “*Latosolos Vermelhos*” ou “*Latosolos Vermelho Amarelado*”, assim, hipoteticamente, uma das motivações fundamentais para a denominação do

hidrônimo está ligado a características do local, o que influenciou o denominador a fazer referência a Terra, juntamente com a cor vermelha.

Contudo, o batismo do córrego com o hidrônimo *Terra Vermelha* traz em sua motivação as características que são observadas no território e que, de certa forma, influenciaram o nomeador. Além do córrego, uma região da zona rural do município de Pires do Rio-GO, também é conhecida pelo referido nome, lugar o qual existia olarias devido à boa qualidade do solo.

**Microficha 7.** Córrego Itaúbi.

Hidrônimo	Córrego Itaúbi
Classe do hidrônimo	Litotopônimo e Fitotopônimo
Semântica	<b>Ita</b> – pedra; é o termo mais comum nos topônimos brasileiros; algumas vezes aparece sem o i inicial: Ta-nhenga (ilha do Rio de Janeiro), Ta-ratã (localidade da Bahia). <b>Ubi</b> – nome comum a várias palmeias dos gêneros <i>Genoma</i> , <i>Bactris</i> e <i>Calyptogyne</i> . (origem tupi).

Fonte: SILVA (2017).

O hidrônimo *córrego Itaúbi* é um nome composto, litotopônimo (de origem mineral) e fitotopônimo (de origem vegetal). Sua estrutura morfológica segundo Dick (1992), é um topônimo composto, formado por *ita-* (pedra) + *-ubi* (palmeira) ambos de origem tupi, na formação de palavras se constitui em uma composição por justaposição. E, hipoteticamente, a região em que se encontra o córrego é de um terreno pedregulho, ou pode ser que o próprio córrego tenha em sua calda um acúmulo maior de pedras que o normal. E, conseqüentemente, uma região em que a vegetação tenha ou lembre uma localidade com plantações de palmeiras.

Segundo Dias (2008), o *córrego Itaúbi* é um dos afluentes do ribeirão Maratá e também um dos córregos que abastece ao município de Pires do Rio-GO, juntamente com o córrego Laranjal. Assim, é possível notar a importância deste curso d'água para o município e a sua relevância em análise para o nosso estudo.

**Microficha 8.** Ribeirão Brumado.

Hidrônimo	Ribeirão Brumado
Classe do hidrônimo	Meteorotopônimo
Semântica	<b>Bruma</b> <i>sf.</i> ‘nevoeiro, neblina, cerração’ XVI (origem latim).

Fonte: SILVA (2017).

A meteorotoponímia refere-se a hidrônimos relativos a fenômenos atmosféricos e, no contexto pesquisado temos o *ribeirão Brumado*, que provém do termo latino *bruma* ‘inverno’, especificando como nevoeiro, neblina e cerração (CUNHA, 2010).

Ao observarmos em Sapir (1969) em que o léxico de uma língua reflete claramente o ambiente físico e social do falante, provavelmente, o que influenciou o nomeador em recorrer ao batismo do hidrônimo *Brumado* em determinado ribeirão, pode ter sido devido a ocorrer na localidade neblina/nevoeiro na estação do ano, inverno, já que a própria raiz da palavra *bruma* faz referência ao “inverno”.

Nas leituras realizadas em alguns pesquisadores da área da toponomástica, não foi recorrente encontrarmos algum meteorotopônimo analisado ou que nos desse qualquer sustentação ou informações para proceder com algum confrontamento de dados; mediante a isso, subentendemos que os topônimos de índole dos fenômenos atmosféricos não tenham uma certa frequência como os demais.

**Microficha 9.** Rio do Peixe.

Hidrônimo	Rio do Peixe
Classe do hidrônimo	Zootopônimo
Semântica	pei-xe <b>Sm</b> ( <i>Zool</i> ) <b>1</b> espécime de classe animal vertebrado que nasce e vive na água, respira por guelras e se locomove por meio de barbatanas (origem latim).

Fonte: SILVA (2017).

**Microficha 10.** Rio Piracanjuba.

Hidrônimo	Rio Piracanjuba
Classe do hidrônimo	Zootopônimo
Semântica	cid. de Goiás; de <b>piracanjuba</b> , uma var. de peixe de rio; etim. <b>pirá-acã-juba</b> , peixe de cabeça amarela (origem tupi).

Fonte: SILVA (2017).

Nas denominações de índole animal, zootopônimos, *rio do Peixe* e *rio Piracanjuba*, precisamente nos dois hidrônimos o fator motivador foi o animal **peixe**, que, possivelmente, influenciou o nomeador. A saber, que a caça e a pesca era o meio de sobrevivência da comunidade primitiva, desta forma, possivelmente a comunidade que habitava nos referidos locais, também foi influenciada por essas razões e daí batizando ambos os rios com os referidos hidrônimos.

O *rio do Peixe* é um dos três maiores cursos d'água e fronteiro na região sul entre Pires do Rio, Cristianópolis, Vianópolis e São Miguel do Passa Quatro, tem como principal afluente o ribeirão Brumado e, também, é o principal afluente do rio Corumbá. O *rio Piracanjuba* também está entre os principais do município, na região norte faz fronteira entre Pires do Rio, Orizona, Urutaí e Ipameri; sua principal relevância foi na década de 1950 e nele ter funcionado uma usina hidrelétrica que abastecia o município de Pires do Rio-GO.

A interpretação zootoponímica na localidade pesquisada evidenciou a valorização da fauna local, pois ao utilizar o nome de animais, recuperou-os para nomear lugares, como os rios. Observamos que os nomes de animais, que estabelecem a sua origem na língua tupi (Piracanjuba) e latina (Peixe), motivaram a nomeação dos elementos geográficos e, de alguma forma, estão vinculados à vida do nomeador, estabelecendo, assim, relações extralinguísticas com os hidrônimos pesquisados. E, segundo Theodoro Sampaio (1914 *apud* DICK, 1990) dificilmente o nome do animal estaria desvinculado de sua existência na localidade.

Os elementos de natureza física mais evidente na motivação que subjazem aos hidrônimos ora interpretados foram os de origem vegetal, mineral e animal (peixe). Percebemos, assim, que o nomeador teve influências das características do local para designar o referido hidrônimo.

**Microficha 11.** Ribeirão Sampaio.

Hidrônimo	Ribeirão Sampaio
Classe do hidrônimo	Antropotopônimo
Semântica	<i>sm.</i> “marinho”. Sampaio é um sobrenome presente na onomástica portuguesa através de raízes tipicamente toponímicas, devido ao nome de uma vila localizada em Trás-os-Montes, em Portugal, e que teria sido adotado como sobrenome pelos senhores deste local (origem hebraica).

Fonte: SILVA (2017).

Dentre os hidrônimos relativos aos nomes próprios individuais, aparece apenas o *ribeirão Sampaio*, antropotopônimo, de natureza antropocultural. Na toponomástica brasileira, é recorrente encontrarmos antropotopônimos, especialmente lugares, como: cidades, praças, ruas e outros, acabam recebendo nomes próprios em homenagem a alguém.

Os aspectos motivacionais para o hidrônimo é uma homenagem ao coronel Lino Teixeira de Sampaio, neste caso, de acordo com Cabral (2007), é um patronímico, sobrenome, e faz referência ao doador das terras em que se fundou a cidade de Pires do Rio-GO. Segundo Crystal (2012), muitas são as razões para designar o nome de lugares, ou homenagem, ou até mesmo por características geográficas inerentes ao local. Em alguns casos, os nomes são opacos, pois não apresentam nenhuma relação com o referente; nesta situação, há de se fazer uma busca histórica para chegar as relações motivacionais, que não é o nosso caso.

Assim, foi possível observar que o patronímico Sampaio, está presente na onomástica portuguesa, evidenciado nas raízes tipicamente toponomásticas, relacionado ao nome de uma vila localizada em Trás-os-Montes, em Portugal, que supostamente teria sido adotado como sobrenome pelos senhores deste local (DICIONÁRIO DE NOMES PRÓPRIOS, s/d).

**Microficha 12.** Ribeirão Baú.

<b>Hidrônimo</b>	<b>Ribeirão Baú</b>
<b>Classe do hidrônimo</b>	Ergotopônimo
<b>Semântica</b>	ba-ú (fr) <b>Sm</b> (Co) 1 mala de madeira recoberta de couro, com tampa conversa 2 móvel em forma de caixa, de folha ou madeira, onde se guardam roupas e demais objetos (origem obscura).

**Fonte:** SILVA (2017).

Em relação aos ergotopônimos, originários de elementos da cultura material encontramos o hidrônimo, *ribeirão Baú*, e segundo Sapir (1969), no léxico toponomástico reflete o ambiente social do falante, assim, desta forma, o objeto baú é de origem da cultura material e de uso humano, possivelmente as características do objeto, como: fundura, largura e formato do baú, foram vitais para a nomeação do ribeirão.

É evidente que o hidrônimo apresentou como fonte motivacional a relação existente entre a cultura material e seu nomeador, ou seja, uma motivação toponomástica de ordem antropocultural; assim: essas designações, que recuperam elementos da cultura material do povo da localidade, identifica a influência do homem no meio em que se vive.

**Microficha 13.** Ribeirão Caiapó.

<b>Hidrônimo</b>	<b>Ribeirão Caiapó</b>
<b>Classe do hidrônimo</b>	Etnotopônimo
<b>Semântica</b>	rio do E. de Goiás; nome de uma tribo fam. linguística Jê que habitou a região (origem tupi).

**Fonte:** SILVA (2017).

**Microficha 14.** Ribeirão Maratá.

<b>Hidrônimo</b>	<b>Ribeirão Maratá</b>
<b>Classe do hidrônimo</b>	Etnotopônimo
<b>Semântica</b>	Marata – <b>sm. 1</b> indivíduo dos maratas <b>2</b> língua indo-europeia, do ramo indo-iraniano, sub-ramo indo-árico, falada no Oeste e Centro da Índia, esp. no Estado de Maharashtra, por aprox. 50 milhões de pessoas. É uma das línguas oficiais da Índia. Sânc. <i>mahārāstra</i> 'o grande reino', pelo hind. <i>marhatta</i> 'id.' (origem sânscrito).

**Fonte:** SILVA (2017).

Uma das classes do hidrônimo de natureza antropocultural são os etnotopônimos, relativos a elementos étnicos, isolados ou não, sendo o *ribeirão Caiapó* e *ribeirão Maratá*. Na justeza dos nomes, podemos evidenciar que ao batizar o *ribeirão*

*Caiapó* o nomeador se valeu de fatores antropoculturais em relação aos índios caiapós ‘*kayapó*’, que segundo fatos da história, estiveram em terras goianas; desta forma, ao se valer do uso do hidrônimo, a motivação para tal ato de batismo pode ser referente a esses povos terem influências de alguma forma sobre o nomeador no ato do batismo do hidrônimo.

Já o hidrônimo *ribeirão Maratá*, traz em suas bases semânticas como i. “língua indo-europeia”, ii. “indivíduos dos maratas”, segundo Houaiss *et. al.* (2009). E, possivelmente, a motivação do designativo foi a influência de grupos europeus que também passaram por estas terras, já que o país foi colonizado por Portugal e, na formação da sociedade goiano e piresina terem a presença de várias etnias, inclusive, a europeia.

Desta forma, é evidente que os etnotopônimos estão relacionados à presença e influência de grupos de distintas etnias no Brasil, visto que a história local e nacional revelam a presença de vários povos na formação da sociedade brasileira.

**Microficha 15.** Ribeirão Mucambo.

<b>Hidrônimo</b>	<b>Ribeirão Mucambo</b>
<b>Classe do hidrônimo</b>	Sociotopônimo
<b>Semântica</b>	Mocambo <i>sm</i> ‘esconderijo, refúgio dos negros (escravos) fugido’ (origem língua portuguesa – África).

Fonte: SILVA (2017).

Tomando por análise os hidrônimos relacionados às atividades profissionais, aos locais de trabalho e aos pontos de encontro dos membros de uma dada comunidade, o designativo *ribeirão Mucambo*. O hidrônimo tem sua origem no termo *mocambo*, que se refere a esconderijo de escravos fugidos (CUNHA, 2010). Possivelmente, assim como já observado nos fatores motivacionais de outros hidrônimos, a relação de grupos étnicos terem passado, ou habitado na região pode ter influenciado na nomeação do designativo. Na região observada viveram escravos, negros que formaram uma comunidade rural, desta forma podem ter influenciado o nomeador no ato do batismo do *ribeirão Mucambo*.

Ao traçar um panorama dos hidrônimos interpretados é elementar que o nomeador, ao longo das nomeações buscou em suas bases motivacionais preservar a memória local, seja nos fatores físicos e ou sociais. Ainda, podemos constatar em sua maioria as línguas que deram origem foram a indígena e a latina; as outras que representaram um percentual menor, possivelmente, estão ligadas à vinda de outras etnias que ajudaram na formação populacional do Brasil e de Goiás.

### **Considerações Finais**

Justificar a nomeação dos hidrônimos ora interpretados é observar que todo e qualquer agrupamento de indivíduos estão inseridos em um território, no qual a interação, a comunicação dos indivíduos se dá por meio da língua. Também, P via L é capaz de criar, recriar novos territórios (T), sendo ele o componente mais concreto da comunidade, o suporte material. O hidrônimo está inserido em um território, o solo, especificando-se por  $t_1$ , o qual obteve interferência de P por meio de L, no processo da nomeação devido às motivações recebidas de fatores exoecológicos ou endoecológicos, estando no nível social, mental ou natural.

No processo da linguagem se interpor entre homem e mundo, isso se dá por estruturas estabelecidas na mente humana, onde toda a construção cognitiva é apreendida, experimentada, explorada e, conseqüentemente, empregada no momento de interação entre os indivíduos por meio da língua. Por conseguinte, P não é só o criador de L, mas também o seu mantenedor, dessa forma, P é, portanto, os membros e o elemento dinâmico da comunidade.

Visto ainda, de acordo com os hidrônimos analisados na pesquisa, segundo Silva (2017), o léxico toponomástico é carregado de marcas de expressão histórica, social, cultural, política e religiosa de dada comunidade e é representativo para o nomeador e seu grupo. Desta forma, se determinado local ou coisa passou por várias nomeações no decorrer dos tempos, isso justifica que cada nomeador observou novas características que classificavam ou referenciavam o hidrônimo de forma precisa e motivada.

Pelo caráter motivado, o signo toponomástico possibilita reconhecer fatores vinculados ao que subjaz à escolha dos nomes de lugares; e assim, nos possibilitou o levantamento de fatores sócio-histórico, culturais e ambientais necessários à interpretação motivacional dos hidrônimos e como índice de estreita relação entre língua/cultura e ambiente. Nas classes dos hidrônimos analisadas, foi possível detectar que o ambiente e o contexto são fundantes nas motivações que subjazem aos hidrônimos. Desta forma, entende-se que um rio, um ribeirão, um córrego são lugares que, uma vez nomeados, passam a carregar as inúmeras memórias do lugar.

Os estudos ecotoponomásticos propiciaram a percepção da relação entre povo, língua e território, considerando que esse território pode ser físico e/ou imaginário, pois as entidades nomeadas podem ser pessoas, acidentes geográficos que fazem parte do meio ambiente em que vive determinada população e, sobretudo, tenham importância para essa

população, caso contrário não há necessidade de ser nomeado. Portanto, vale ressaltar que nem todas as nomeações ocorrem pela necessidade espontânea de identificação, uma vez podem refletir a imposição de forças ideológicas, políticas e sociais.

Por fim, ao interpretarmos os hidrônimos da cidade de Pires do Rio-GO, é perceptível que eles são caracterizados pelas relações de língua, cultura e ambiente, revelando aspectos consideráveis acerca da toponomástica local e o próprio nomeador, que assim designou os referidos hidrônimos.

## Referências

BASSETTO, B. F. *Elementos de filologia românica: história, externa das línguas*. São Paulo-SP: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

CABRAL, J. P. Mães, pais e nomes no baixo sul (Bahia, Brasil). In: \_\_\_\_\_; VIEGAS, S. M. *Nomes: gênero, etnicidade e família*. Coimbra-Portugal: Almedina, 2007, p. 63-87

COUTO, H. H. *Ecolinguística – estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília-DF: Thesaurus, 2007.

CRYSTAL, D. *Pequeno tratado da linguagem humana*. Tradução Gabriel Perissé. São Paulo-SP: Saraiva, 2012.

CUNHA, A. G. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro-RJ: Lexikon, 2010.

DIAS, C. *Mapeamento do município de Pires do Rio-GO: usando técnicas de geoprocessamento*. 2008. 187f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia-MG, 2008.

*Dicionário de nomes próprios*. Significado dos nomes. s/d. Disponível em: <<https://www.dicionariodenomespropios.com.br/sampaio/>>. Acesso em: 06 jul. 2016.

DICK, M. V. P. A. *Toponímia e Antroponímia no Brasil*. Coletânea de Estudos. São Paulo-SP: Serviço de Artes Gráficas/FFLCH/USP, 1992.

\_\_\_\_\_. *A Motivação Toponímica e a Realidade Brasileira*. São Paulo-SP: Edições Arquivo do Estado, 1990.

HAUGEN, Einar. Ecologia da linguagem. Tradução: Hildo Honório do Couto. In: COUTO, Hildo Honório et.al. (Org.). *O paradigma ecológico para as ciências da linguagem: ensaios ecolinguísticos clássicos e contemporâneos*. Goiânia-GO: Editora UFG, 2016, p. 57-75.

\_\_\_\_\_. *The Ecology of Language*. Essays by Einar Haugen. Ed. Anwar S. Dil. California-USA: Stanford U.P., 1972.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S.; FRANCO, F. M. M. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro-RJ: Objetiva. Versão monousuário 3.0. 1 [CD-ROM]. 2009.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=521740&idtema=16&search=goias|pires-do-rio|sintese-das-informacoes>>. Acesso em: 27 maio 2016.

\_\_\_\_\_. *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros*. Vol. II, Rio de Janeiro-RJ, 1957.

IMB – Instituto Mauro Borges de estatísticas e estudos socioeconômicos. Disponível em: <[www.imb.gov.br](http://www.imb.gov.br)> Acesso em: 29 maio 2016.

ISQUERDO, A. N.; SEABRA, M. C. T. C. Apontamentos sobre hidronímia e hidrotponímia na fronteira entre Mato Grosso do Sul e Minas Gerais. In: ISQUERDO, A. N. (Org.). *As Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*. Campo Grande-MS: Ed. UFMS, 2010, p. 79-98.

SAPIR, E. *Linguística como ciência*. Rio de Janeiro-RJ: Livraria Acadêmica, 1969.

SILVA, A. S. Palavras, significados e conceitos o significado lexical na mente, na cultura e na sociedade. *Cadernos de Letras da UFF*. Dossiê Letras e cognição, n. 41, p. 27-53, 2010. Disponível em <[www.uff.br/cadernosdeletrasuff/41/artigo1.pdf](http://www.uff.br/cadernosdeletrasuff/41/artigo1.pdf)>. Acesso em: 06 maio 2019.

SILVA, C. C. *Os cursos d'água de Pires do Rio: análise das motivações toponímicas*. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) 121f. Universidade Federal de Goiás, Unidade Acadêmica Especial de Letras e Linguística. Catalão, 2017.

YULE, G. Reference and inference. In: *Pragmatics*. Oxford: Oxford University Press, 2003.